



Carlos Sezões

Partner da Stanton Chase International

“Confiança”

Não é novidade para ninguém que estamos hoje a viver tempos mais turbulentos e imprevisíveis que há 10 ou 20 anos atrás. No início deste século, o mundo vivia uma época de prosperidade, estabilidade e não existiam nuvens no céu dos mais otimistas. O mundo experimentava o massivo crescimento económico assente na era da internet e das tecnologias de informação, as tensões internacionais estavam desanuviadas, o terrorismo, muito esporádico, não era grande problema, e o comércio internacional, cada vez mais livre e desregulado, crescia de forma exponencial.

Decorrida uma década, tivemos o 11 de Setembro, 2 guerras no médio oriente, uma primavera árabe, uma crise financeira de dimensões mundiais e uma crise da dívida nas economias ocidentais. Temos movimentos de protesto à escala planetária, potenciados por um desemprego galopante e vemos dirigentes de potências, antes determinadas e ousadas, a hesitarem e empurrarem com a barriga a resolução de problemas graves à escala global. O investimento continua a crescer nos países em desenvolvimento ou emergentes (BRIC's e outros), mas o cenário é pouco animador na Europa e nos EUA. Fruto desta e de outras variáveis de incerteza, em muitos contextos empresariais, o planeamento estratégico já começa a ser considerado um processo obsoleto e ineficaz – também em função da cada vez mais acelerada mudança de processos e tecnologias.

Não existirão soluções mágicas para ultrapassar esta atmosfera de crise, receio e ansiedade que se respira nestes tempos, que tem parte material e uma grande dose de psicologia negativa. Existe, contudo, algo que tem de ser conquistado (ou recuperado) no curto prazo: a confiança!

A confiança entre Pessoas ou Estados, Empresas ou Instituições internacionais, assentará na ética e firmeza das decisões,

em sacrificar interesses egoístas e de curto prazo pelos interesses globais de longo prazo. Em demonstrar que o caminho conjunto é mais sensato que o voluntarismo individual. A confiança permitirá reduzir a imprevisibilidade. Permitirá, a nível global, nacional ou empresarial, que as decisões sejam tomadas. Decisões de investir, consumir, empreender ou mudar; decisões de criar laços duradouros, em vez de gestos tímidos de aproximação.

Na Europa, por exemplo, a saga das cimeiras que vão adiando de medida em medida a solução final tem de terminar. A nível global, consensos são necessários para um novo modelo social europeu sustentável, para as regras do comércio mundial, para o ambiente, para o apoio às jovens democracias árabes, para a regulação eficaz dos mercados financeiros internacionais.

Aqui, o papel dos líderes mundiais é essencial. A confiança permitirá que acabe esta sensação de descontrolo e impotência do poder político que, atualmente, não parece estar à altura da situação.

Para os empresários e gestores, que investem capital com vista ao seu retorno e maximização através de resultados futuros, e que realmente criam valor e emprego nas economias atuais, é fundamental ter uma noção clara das “regras do jogo” que coloque alguma previsibilidade nos cenários. Assim, o dinheiro voltará a circular e a mobilizar ganhos de eficiência, inovação e qualidade de vida.

Caso contrário, se não conseguirmos garantir estas condições mínimas, teremos um cenário nebuloso instalado na vida das próximas gerações.

Carlos Sezões